



PAPA FRANCISCO E O PARADOXO DA REFORMA: UMA REFLEXÃO SOBRE GÊNERO E RACISMO NO CONTEXTO DA RENOVAÇÃO ECLESIAL

POPE FRANCIS AND THE REFORM PARADOX: A REFLECTION ON GENDER AND
RACISM IN THE CONTEXT OF ECCLESIAL RENEWAL

Lúcia Eliza Ferreira da Silva Albuquerque*

André Luiz Boccato de Almeida**

Patrícia Carneira de Paula***

Resumo: O presente artigo abordará a questão da relevância reformadora do Papa Francisco em seus dez anos de pontificado, a partir de uma análise crítica e teológica sobre o tema de gênero e do racismo, como também seus gestos e movimento sinodal em toda a Igreja. Sabe-se que o dinâmico e visível processo de reforma eclesial e curial não é um fenômeno atual na história. Contudo, após o grande evento eclesial do século XX com o Concílio Vaticano II, um novo “vento” de reforma inundou o coração dos padres conciliares, com o intento de fazer dialogar a Igreja com uma nova modernidade. O Papa Francisco, filho deste Concílio, imbuído deste “espírito” conciliar, assumiu como missão reformar e instaurar um alargado processo de escuta sinodal em que, das vozes mais eloquentes às mais silenciosas, pudessem falar e partilhar suas perspectivas. É fato que um novo tipo de tensão proveniente da particularidade brotasse deste dispositivo de escuta. Assim, pretende-se refletir sobre este processo a partir de três horizontes interligados. No primeiro, expor o retorno da discussão sobre gênero e racismo dentro da tradição bíblico-teológica. No segundo, situar a reforma silenciosa e eloquente no pontificado de Francisco. Por fim, no terceiro, analisar criticamente os possíveis avanços e limites neste itinerário sinodal. O método de observação será o hermenêutico reflexivo, dando importância às fontes que brotaram das reflexões teológicas.

Palavras-chave: Reforma. Gênero. Racismo. Papa Francisco.

* Doutoranda em Teologia Moral no Programa de Estudos de Pós-Graduação em Teologia (PPGT) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestra em Teologia (PUCSP). Graduada em Teologia (PUCSP). E-mail: lucia.elizaazile@gmail.com

** Doutor em Teologia Moral (Pontifícia Universidade Lateranense - Academia Afonsiana). Pós-Doutor em teologia (PUC-PR). Docente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: a.l.boccato@gmail.com

*** Doutoranda do Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestra em Teologia (PUC-SP). Bacharel em Teologia (PUC-SP) e em Direito com Especialização em Direito Processual Civil (Centro Universitário FMU – UNIFMU). E-mail: patriciacdepaula@gmail.com



Abstract: This article will address the question of the reforming relevance of Pope Francis in his ten years of pontificate, by using a critical and theological analysis on the theme of gender and racism, as well as his gestures and synodal movement throughout the Church. It is known that the dynamic and visible process of ecclesial and curial reform is not a current phenomenon in history. However, after the great ecclesiastical event of the 20th Century – namely, the II Vatican Council – a new “wind” of reform flooded the hearts of the Council Fathers, with the intention of establishing a dialogue of the Church with a new modernity. Pope Francis, son of this Council, imbued with this conciliar “spirit”, took on the mission of reforming and establishing a broad process of synodal listening in which both the most eloquent and the most silent voices could speak and share their perspectives. Nevertheless, it is a fact that a new type of tension arose from this listening methodology. Thus, we intend to reflect on this process from three interconnected horizons. In the first, to expose the return of the discussion on gender and racism within the biblical-theological tradition. In a second, situate the silent and eloquent reform engendered in the pontificate of Francis. Finally, to critically analyze the possible advances and limits in this synodal itinerary. The method of analysis will be reflective hermeneutics, giving importance to the sources that were born from the theological reflections.

Keywords: Reform. Gender. Racism. Pope Francis.

INTRODUÇÃO

O presente artigo versa o ímpeto reformador do pontificado de Francisco dentro da perspectiva de sinodalidade, em que se apresentam gestos, atitudes e discursividades com o afã de propiciar um retorno à fonte evangélica. Dentro das várias iniciativas reformistas, num processo de diálogo, escuta e discernimento, o tema do gênero e do racismo não encontram propriamente um tratamento sistemático evidente. Aliás, estes dois temas brotam de uma sensibilidade mais própria do sul global, onde as vítimas e os silenciamentos tradicionalmente foram colocadas pela instituição eclesial num segundo plano. Francisco dá eco a estas duas reivindicações na escuta e na confiança do protagonismo.

As pautas e discussões em torno de gênero e do racismo explicitam o revigoramento que as novas culturas encontram na grande aldeia global das discursividades. Em Francisco, pela escuta e o diálogo, estas referências antes colocadas num segundo plano, encontram um solo fecundo pela reciprocidade das consciências numa Igreja sinodal. É verdade que ainda há muito o que fazer sobre esta agenda, mas há já espaço de discussão e de comprometimento.

Esta reflexão coloca-se neste horizonte de sentindo. Pretende-se indagar e problematizar até que ponto estas discussões encontram ou não reverberação no pontificado reformista de Francisco. Para isso, o artigo seguirá o caminho de reflexão em torno das fontes, em diálogo com autores e autoras que abordam tais questões. Inicialmente será apresentada a perspectiva de gênero e do racismo na tradição bíblico-teológica. Num momento posterior, se evidenciará a progressiva acolhida destas pautas no pontificado de Francisco, mesmo que ainda



de forma silenciosa. Por fim, se fará um juízo ético sobre o caminhar destas reflexões dentro da pauta eclesial e sinodal. O objetivo é explicitar que há uma abordagem teológica no magistério de Francisco que ainda precisa de maiores aprofundamentos.

O TEMA DE GÊNERO E DO RACISMO NA TRADIÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA

Gênero é considerado uma categoria de análise de grande amplitude que envolve a compreensão de vários conceitos, entre eles o próprio mistério de Deus, do discipulado e das práticas eclesiais, além da própria cultura contemporânea¹. Diante da sua complexidade e da resistência social e eclesial em tratar das questões relativas às relações de gênero, sua análise se torna extremamente delicada, uma vez que sua menção quase sempre está relacionada a ideologias e, assim, acaba sendo considerado tema “perigoso”.

No interior da Igreja Católica também é uma palavra percebida de várias maneiras diferentes, quase sempre de forma negativa e relacionada à liberdade de escolha de orientação sexual sem levar em conta as características biológicas de cada indivíduo. Entretanto, começa a surgir dentro de Igreja, como por exemplo o documento da Comissão Justiça e Paz da Conferência Episcopal Alemã², do ano de 2004, entendimento diverso daquele que está relacionado apenas ao binarismo de gênero e sua conotação biológica. Assim, alinhado a um entendimento mais claro a respeito da questão, o termo “gênero” passa a ser interpretado com um aspecto social e cultural de diferença entre os sexos, e não de diferença entre os sexos biológicos, passando a adotar uma conotação positiva e corroborando para uma leitura crítica dos papéis sociais³.

Desse modo, gênero não é entendido como “ideologia de gênero”, mas como categoria adequada para promover relações dignas entre homens e mulheres; é categoria de análise das tradições e costumes dos mais diversos grupos humanos, e se trata de uma perspectiva de reflexão muito além do exercício da sexualidade. Há outras decorrências do termo “gênero”, tais como *identidade de gênero* e *orientação sexual*, por exemplo, que são importantes e, inclusive, já foram objeto de publicação anterior de parte desses autores a respeito do tema⁴. Enfatiza-se, entretanto, o termo “gênero” em seu sentido mais geral e, conforme já foi dito, como categoria

¹ BALSAN, Luiz. **Teologias contemporâneas**. Curitiba: Intersaberes, 2020. p. 119. Disponível em: <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/5079439/>. Acesso em: 07 mar. 2023.

² GESCHLECHTERGERECHTIGKEIT und weltkirchliches Handeln. **Ein Impulspapier der Deutschen Kommission Justitia et Pax (Justiça de gênero e ação da igreja mundial. Um papel de impulso)**. 2004. Disponível em: https://www.justitia-et-pax.de/jp/publikationen/gerechtigkeit_und_frieden/guf_104.php. Acesso em: 07 abr. 2023.

³ BALSAN, 2020, p. 122.

⁴ A respeito ver: ALMEIDA, André L. Boccato de; DE PAULA, Patricia C. A dignidade da mulher em questão: uma análise ético-interpretativa da violência de gênero a partir de Juízes 19. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 79-102, jan./abr. 2020.



de análise crítica para promover relações adequadas e equitativas entre homens e mulheres, como instrumento ligado à atividade principal da Igreja que é promover caminhos de superação das injustiças e violências⁵.

A partir da compreensão a respeito de “gênero” é preciso fazer também uma reflexão sobre o tema na tradição bíblico-teológica, pois não se pode olvidar que a elaboração de uma Teologia de Gênero se caracteriza como uma contribuição das pessoas que tem fé com o objetivo de transformar as estruturas injustas que estão relacionadas às questões de gênero⁶, com uma elaboração crítica à luz da revelação que atinge a plenitude com a pessoa de Jesus Cristo e, assim, denunciando situações de injustiças e opressões sociais. Trata-se, assim, de uma teologia propositiva que visa elaborar novas formas de compreensão de Deus e novos modelos de convivência fraterna, digna e igualitária entre os seres humanos, repensando, com base nas questões levantadas pela teologia feminista, as questões fundamentais da fé⁷.

Feitas essas considerações, com leitura a partir dos textos bíblicos, é preciso levar em conta a questão do mistério da criação sob a perspectiva de gênero e não sob a perspectiva da sociedade patriarcal, uma vez que nesta, a partir da concepção de Deus (Senhor) entendido como pai, tutelam-se estruturas autoritárias em âmbito familiar, político e eclesial⁸, em detrimento de uma compreensão mais legítima com a relação que se estabelece entre Deus e a humanidade.

Essa imagem masculinizada de Deus exclui as mulheres das inúmeras esferas sociais e eclesiais, já que simbolizam uma autoridade normativa e, portanto, como protótipo para o ser humano⁹, muitas vezes ligado à violência que acaba se tornando normalizada. A própria terminologia que apresenta o Filho como *gerado* pelo Pai evidencia um traço eminentemente feminino, seria então um “pai materno”¹⁰, de modo que em Deus há, em princípio e sem prejuízo de uma elaboração mais inclusiva, o feminino e o masculino.

Assim, conforme defende Elisabeth S. Fiorenza, uma linguagem de Deus verdadeiramente cristã deve transcender a linguagem patriarcal e matriarcal e sua simbologia. Devem ser empregados símbolos e imagens humanas que reflitam as múltiplas formas de experiência humana, asseverando a mutualidade, a plenitude, a maturidade e a potencialidade humana, não restrita apenas às questões de gênero, mas também de classe social, cultura, raça e religião, pois somente desse modo pode ser realmente católica e universal¹¹.

⁵ BALSAN, 2020, p. 123 e 129.

⁶ BALSAN, 2020, p. 129.

⁷ BALSAN, 2020, p. 131.

⁸ BALSAN, 2020, p. 138.

⁹ BALSAN, 2020, p. 139.

¹⁰ BALSAN, 2020, p. 141.

¹¹ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação**. Tradução: Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995. p. 109.



Além disso, devemos considerar a questão do mistério da encarnação também sob essa perspectiva de gênero, visto que Ele se despojou de sua condição divina e se fez carne, assumindo Jesus também a condição humana (Fl 2, 6-11). O texto bíblico, portanto, coloca seu acento a sua pertença à humanidade e não à sua condição do sexo masculino (Jo 1,1-18), de tal forma que a compreensão da salvação não pode ser entendida na masculinidade ou o sexo histórico de Jesus, mas por sua opção pelos pobres e marginalizados¹². Não há como desconsiderar, entretanto, que apesar do esforço das primeiras comunidades cristãs de assegurar a igualdade fundamental entre os discípulos e discípulas de Jesus, conforme se infere em (Gl 3,28), a cristologia acabou fortemente marcada pela tradição patriarcal identificando Jesus com um Deus masculino e colocando as mulheres em situação de inferioridade¹³.

Apesar disso, na *Gaudium Et Spes* 22, encontramos uma ênfase na condição humana de Jesus e não em sua masculinidade pois “a natureza humana foi n’Ele assumida”, concluindo-se que a Encarnação abrange todos os seres humanos, de todas as raças, gênero e condições sociais, assim como de ambos os gêneros. É, portanto, um imperativo moral que homens e mulheres se engajem na reflexão baseada também em uma perspectiva de gênero, para garantir uma reflexão mais consciente e sensível sobre gênero. Não é possível silenciar sob pena de se tornarem cúmplices de sofrimento e opressão causadas por uma interpretação dominante de uma masculinidade hegemônica que não atende ao fato de que não existe apenas uma forma de ser homem ou mulher e que tal consideração deve ter em vista, ainda, a questão de classe, religião, educação e, sobretudo, raça¹⁴.

Por sua vez, a questão do racismo tem suas raízes no sistema escravocrata que marcou profundamente sociedades, instituições, corpos e consciências, de forma mais veemente a partir do século XV¹⁵. Esse processo de dominação justificado pela classificação de seres humanos, pelo dispositivo da raça, conferiu categorização de indivíduos no horizonte ideário do homem universal; este sendo: homem, branco e europeu. Tal percepção de humanidade, fomentado por esta classificação, estruturou a técnica da colonização europeia como meio de conquista, submissão e eliminação de povos com culturas dessemelhantes.

Essa ideologia racista penetrou pelo processo de colonização e foi justificado pela narrativa religiosa. Segundo Caldeira, a legitimação desse projeto etnocêntrico pautou-se na

¹² BALSAN, 2020, p. 134.

¹³ BALSAN, 2020, p. 135.

¹⁴ ARCHILA, Francisco Reyes; RAJO, Larry J. Madrigal. Introdução – Re-imaginando a masculinidade: caminhos diversos para a reflexão sobre a relação entre Bíblia, gênero e masculinidade. **RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica latino-Americana**, Petrópolis, v. 56, n. 1, p. 16-17, 2007.

¹⁵ A escravidão sempre existiu na história da humanidade em todas as sociedades. Mas, a história da escravidão na América se distingue pelo regime do trabalho e a ideologia racista que passou a associar cor da pele à condição de escravo. Cf. GOMES, Laurentino. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. 1 v. p. 65-73.



neutralidade bíblica diante da escravidão que, “serviu de ferro em brasa e algemas que aprisionavam negras e negros no doce inferno do engenho de açúcar... como fonte amarga porque foi usada não apenas para legitimar a escravidão, mas também para amaldiçoar o povo negro”¹⁶. Nesse sentido, é possível apontar que o Livro Sagrado, elemento indispensável para a configuração religiosa, está permeado de concepções racistas.

Tal neutralização coube nos desdobramentos da aproximação e anuência da relação entre Igreja e sistema escravista, que resultou no “apagamento” da identidade cultural, étnica e espiritual na população negra pela execução de um projeto autoritário. Como apontado na Campanha da Fraternidade de 1988, cujo tema foi “A fraternidade e o Negro”, há o reconhecimento que a instituição católica e alguns de seus membros justificaram e usufruíram dessa estrutura escravocrata¹⁷, desde a posse de escravos ao recebimento de ordenado pela exportação de cativos¹⁸, repercutindo, desse modo, a religiosidade como instrumento de controle social, pois, no Brasil Colônia, obrigava-se a evangelização, o batismo e a educação religiosa¹⁹ aos africanos escravizados.

Essas ações que subjugarão os negros a uma condição subalterna eram justificadas por hermenêuticas religiosas equivocadas. O primeiro exemplo é a associação da cor de pele à condição escrava, lida em Gn 9, 18-28, em que diz: “Maldito seja Canaã! Que ele seja, para seus irmãos, o último dos escravos! [...] que Canaã seja seu escravo”. A Maldição de Cam, por ter visto a nudez do seu pai, recaiu sobre seus descendentes, Canaã, que teriam ido para a África, e, tendo ali se estabelecido, se tornariam escravos até o fim dos tempos. Essa leitura fora princípio para defender o cativeiro dos africanos.

Outro momento é a questão posta em Ct 1,5-6, com a construção epistêmica do corpo de uma mulher negra, em que a partir da racionalização²⁰ na perícopes, dada pela alteração textual, fortalece a violência racial. O trecho traduzido diz: “eu sou morena, mas bela... não olheis eu ser morena”, escolhendo a conjunção adversativa (mas) ao invés do (e) conjunção aditiva, expresso no texto massorético. Segundo Mena-López, a Sulamita que protagoniza o mais belo poema bíblico (Ct 1,5), tem a sua corporeidade usufruída para a “condenação do corpo, do

¹⁶ CALDEIRA, Cleusa. *Hermenêutica Negra Feminista: um ensaio de interpretação de Cântico dos Cânticos 1.5-6*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 1189-1210, 2013. p. 1192.

¹⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Texto Base**: Campanha da Fraternidade 1988: Ouvi o clamor deste povo. Brasília: CNBB, 1988. p. 28.

¹⁸ Cf. GOMES, 2019, p.335-339.

¹⁹ Cf. GOMES, Laurentino. **Escravidão**: da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021. 2 v. p.121-131.

²⁰ O termo racialização remonta ao ato de referir a uma estrutura de significado que originalmente só pode existir enquanto enunciação. Cf. NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019. p. 67.



erotismo, da sensualidade e da beleza dos corpos das mulheres negras, isto é, para a justificação de ideologias racistas sexistas e classistas [...] e equiparado a cor de pele com o pecado”²¹.

Orígenes, ao comentar o trecho de Cântico de Cânticos, evidencia o fator do pecado e da vergonha por ser negra, e, que por a alma ser negra, esta padece, sendo pela condição accidental e não criada pelo criador. Por outro lado, o fato de se tornar branca e cândida, irradia luz verdadeira e rejeita a negritude²². É possível refletir essa conduta de “modificação” ou eliminação do outro por ser negro, através da perspectiva de Fanon, em que o homem colonizado – calado, ausente e “transformado” – num primeiro momento é inserido na perspectiva de desejo de se tornar branco e, posteriormente, o de não regredir nessa “travessia”. Com o sentimento de inferioridade e, sendo desnudo de sua originalidade, passa a atingir a sensação de igualdade²³ porque se faz necessário o “branqueamento da raça, a fim de salvar a raça [...] não para preservar a originalidade do pedaço de mundo em cujo seio cresceram, e sim para garantir sua brancura [...] na verdade, não é que questionemos o valor dos negros, mas, é melhor ser branco”²⁴.

Desse modo, esse projeto de “conversão” do outro – da pessoa negra – integra o que Mbembe identifica como programa de universalização²⁵, dado que se entende como elemento integrante da conquista de povos, pleiteado pelo colonizador religioso e “civil”, os quais desejam introduzir os colonizados em seu espaço e leitura de mundo. Essa ideia promove o entendimento de que os cativos não possuem a verdadeira liberdade, razão ou civilidade, mas habitam a morte e a ignorância, sendo preponderante a execução de sua “libertação” ser realizada pela sociedade branca e religiosa.

Contrária a certas “lógicas” que apontam para conformação da escravidão, do domínio e subalternidade dos povos negros e, em vias atuais, do racismo; como na naturalização da violência e desigualdade de gênero, visto que tais expressões estereotipadas acerca dos outros, discriminações e discursos odiosos se tornaram socialmente injustificáveis e criminosos²⁶, urgem mudanças enquanto sociedade, como na esfera religiosa. Assim, um horizonte possível, pautado no respeito, na diversidade e na acolhida é notado na história atual da Igreja Católica, em decorrência do pontificado em exercício que, de certa forma, confronta dispositivos autoritários e de controle.

²¹ MENA-LÓPEZ, Maricel. Bíblia e descolonização: apontes desde uma Hermenêutica bíblica negra e feminista de libertação. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 24, n. 2, p. 115-144, 2018. p. 134.

²² ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 128.

²³ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 39.

²⁴ FANON, 2020, p. 62-63.

²⁵ MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 173-176.

²⁶ WILLIAMS, Matthew. *A ciência do ódio: a jornada de um cientista para compreender a origem dos preconceitos e da violência que ameaçam a sociedade humana*. Tradução: Marcelo Bardão. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021. p. 320.

A REFORMA SILENCIOSA E GESTUAL DE FRANCISCO

Ao celebrar dez anos de ministério papal de Francisco, em 2023, é possível descrever o novo impulso dado à instituição, indicando o movimento de deslocar a passiva e autoritária pastoralidade da Igreja para uma organização mais humanizadora e acolhedora. De certo, a identidade desse pontificado é o cuidado, expresso da prática do discernimento, atento aos sinais dos tempos e da conversão da comunidade para a essencialidade do Evangelho. Nesse sentido, gênero e raça, são elementos singulares para essa renovação. Pois, se a norma percorre atualizações morosas ou até inexistentes, a gestualidade de Francisco provoca e abre possibilidades. Não há como negar que o Papa Francisco tem proposto uma transformação pastoral na Igreja Católica, e a questão de gênero tem surgido nos cenários em que se propõe uma maior abertura e atualização.

Cite-se, inicialmente, no Pontificado de Francisco, em 2013, a convocação do Sínodo dos Bispos para a família, e todo o processo que transcorreu até a edição do documento *Amoris Laetitia*²⁷. Embora não tivéssemos alcançado uma alteração da doutrina, ao acolher pessoas que vivem em outras configurações familiares, que não homem e mulher, abre-se o debate sobre questões atinentes à sexualidade e gênero nunca assumidos nas últimas décadas²⁸.

Ressalte-se, também, os gestos públicos do Papa Francisco que contribuiriam para abrir novos caminhos, como no início de 2015, quando recebeu em sua casa a visita do transexual espanhol Diego Neria e sua companheira, como também quando visitou um presídio na Itália e fez uma refeição na companhia de presos transexuais e, ainda, nos Estados Unidos, quando recebeu na nunciatura apostólica seu antigo aluno e amigo gay, Yayo Grassi, e o companheiro dele²⁹.

Para Emiliano, Novais e Souto Maior, embora o discurso religioso da Igreja Católica ainda mantenha e defenda aquilo que era feito há cem ou duzentos anos, por exemplo, controlando os sentidos da sexualidade, e que os discursos e práticas produzidos a respeito dela ainda sejam alvo de vigilância e punições, de maneira muito sutil e discreta ocorre uma mudança nesse discurso no atual líder católico, o Papa Francisco³⁰.

²⁷ FRANCISCO. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia***. São Paulo: Paulus, 2016.

²⁸ LIMA, Luís Corrêa. Família, Gênero e Orientação Sexual: questões enfrentadas pelo Papa Francisco. **Creatividade – Revista da Cultura Religiosa**, Rio de Janeiro, p. 34-44, abr. 2018. p. 36. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.CRE.33613>.

²⁹ LIMA, 2018, p. 42-43.

³⁰ EMILIANO, Alexandre Ribeiro; NOVAIS, Juliana Oliveira de S.; SOUTO MAIOR, Rita de C. Discursos envolventes nas declarações do Papa Francisco acerca da homossexualidade: Construindo identidades na interface Estado e Igreja. **Polifonia**, Cuiabá, v. 29, n. 54, p. 83-109, abr./jun. 2022. p. 89. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/15012>. Acesso em: 08 abr. 2023.



Desse modo, quando em uma entrevista concedida a uma jornalista em 29/07/2013, ao ser indagado sobre “como vai enfrentar o lobby gay”, Papa Francisco teria respondido, entre outras considerações discursivas que, “Se uma pessoa é gay e procura Jesus, e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?” Assim, o Papa se aproxima da figura abnegada e altruísta que assumiu ao adotar o título “Francisco”, em diálogo com o trecho bíblico de João 8,7: “Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela”³¹, em contraposição às afirmações feitas por seus predecessores.

Todavia, muitas vezes, Francisco tem mostrado posições extremamente contrárias aos posicionamentos anteriores, conforme ressalta Butler, por exemplo, ao afirmar que:

Em 2016, mesmo o Papa Francisco, que ocasionalmente apresenta visões progressistas, continuou na linha do seu antecessor: ‘Estamos vivendo um momento de aniquilação do homem como imagem de Deus’. Ele incluiu especificamente como uma das vias deste ataque a ‘[ideologia de] gênero’, e se mostrou claramente contrariado ao afirmar que ‘Hoje crianças – crianças! – são ensinadas na escola que todos podem escolher seu sexo... Isso [sic] terrível!’³²

Nisso, vê-se a fragilizada concepção de gênero que ainda permeia o imaginário e a formação religiosa. Isso não significa, conforme Butler, em uma mera vulnerabilidade linguística, mas sim uma linguagem que auxilia a violência, a possibilidade de uma constituição de mundo e de produção de sentido³³. Segundo Galindo, isto institucionaliza a violência de gênero e compromete o trabalho ardoroso daqueles integrados à luta contra esse flagelo e perverso crime contra a identidade da pessoa humana³⁴.

Sobre a afirmação de que a religião participou efetivamente no processo colonizador, pelo dispositivo da catequese e evangelização, não é um equívoco. Sua articulação histórica evidenciou um “deus branco” pactuado com o sistema de domínio. Enquanto o negro foi teologizado sem afeto e de forma pejorativa, porque “não era pessoa, mas coisa”³⁵, não era visto como um ser humano com possibilidade de existir; contudo, o fato de calá-lo era a possibilidade de matá-lo, puni-lo e dizer que era pecado em corpo e cultura. Isso significa que ao inferiorizar negros, a religião projetou um ideal de composição comunitária para responder sua interpretação de divindade, pessoa, santidade e pecado. Ou seja, tal atitude nutrida por esse ideal de religião

³¹ EMILIANO; NOVAIS; SOUTO MAIOR, 2022, p. 99-100.

³² BUTLER, Judith. Ideologia anti-gênero e a crítica da era secular de saba mahmood. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 2, n. 36, p. 219-235, 2019. p. 223. DOI: 10.22456/1982-8136.99586.

³³ BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Tradução: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021. p. 18-19.

³⁴ GALINDO, Jutta Battenberg. Violência de gênero e pornografia virtual: abordagem pastoral. In: TRASFERETTI, José A.; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Sexualidade e Pastoral**: aos párocos e agentes de pastoral. São Paulo: Paulus, 2022. p. 317-318.

³⁵ Cf. MIRA, João Manoel. Reflexão sobre a evangelização do negro no Brasil. In: SILVA, Antônio Aparecido da. **América Latina**: 500 anos de evangelização: reflexões teológico-pastorais. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 99-113. p. 105.



e sociedade configura uma agenda pautada na rejeição consciente e inconsciente³⁶ da negritude. Diante disso, o embranquecimento, a ausência de multiculturalidade e da identidade racial, produzem uma comunidade de fé alinhada com as afirmações racistas.

Diante de tais fatos, Santos afirma que numa sociedade branca e supostamente cristã não faltaram argumentos e justificativas religiosas para o regime escravocrata³⁷. Assim, a importação dessas perspectivas segregacionistas para o interior da religião era usual, pois configurou na impossibilidade de integrar “algum negro como membro da vida religiosa ou pertencente ao clero secular”³⁸ no século XVIII. E, com relação aos seus senhores, tinha participação na celebração dominical em horário distinto³⁹. Mesmo que algumas circunstâncias mudaram nos últimos anos no ambiente religioso, é visível que ainda perdura “a discriminação nos critérios de seleção, programas formativos, atribuições e ocupações de cargos e serviços [...] por que a maioria dos religiosos e padres é branca?”⁴⁰

Nesse sentido, em 2002, Dom José Maria Pires – conhecido por Dom Zumbi, primeiro bispo negro do Brasil – salientava o número modesto de negros no episcopado, na vida religiosa, no corpo diplomático e nas Forças Armadas. Essa contradição é persistente, pois não há proporção entre a população negra e sua presença em instituições de elite e, especialmente, em postos de comando nessas instituições⁴¹. E na Igreja não é diferente. Já o Documento de Aparecida, de 2007, refletindo sobre a situação dos afro-americanos, impele a Igreja a denunciar práticas discriminatórias que ferem a dignidade humana⁴². Reconhece também dificuldades sociais, educacionais e do direito à justiça. Mas, ausenta-se no estímulo de sua atuação em postos de governo.

Com isso, é possível pensar que a falta de estímulo ao contexto negro proporciona uma imatura consciência do tempo presente. Esse fato foi evidenciado na consulta sinodal, realizada em território brasileiro, em que a população negra não foi mencionada no questionário. O responsável pela Comissão que produziu a síntese do Brasil disse que “a população carcerária ficou ausente desta grande consulta sinodal, como também os negros, o que nos traz um pouco

³⁶ MIRA, 1990, p. 105.

³⁷ SANTOS, Faustino. Formação e negritude: a urgência de superar o embranquecimento na formação. In: TRASFERETTI, José A; MILLEN, Maria I. de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Formação: desafios morais 2**. São Paulo: Paulus, 2020. p. 335-354. p. 336.

³⁸ SANTOS, 2020, p. 337.

³⁹ BIDEGÁIN, Ana María. **História dos cristãos na América Latina**. Tomo I. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. p. 188.

⁴⁰ SANTOS, 2020, p. 341.

⁴¹ PIRES, D. José Maria. Teologia Afro. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 34, n. 92, p. 89-104, jan./abr. 2002. p. 89. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/644>. Acesso em: 09 abr. 2023.

⁴² CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. n. 532. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas e Paulus, 2008. p. 88-92.



de preocupação num país cuja população é composta por 53% de pessoas que se reconhecem negras⁴³.

Ainda sobre a ausência de negros em postos de governo, é oportuno mencionar as escolhas realizadas nos consistórios no período do pontificado de Francisco (2019-2022). É evidente a diversificação de territórios proporcionados pelos novos cardeais consagrados que, provindos de zonas tidas como “periféricas”, confirmam o caráter sinodal da Igreja. No entanto, dos 121 cardeais criados por Francisco, é possível indicar 19 membros com características de pessoas negras⁴⁴. E, o Brasil, considerado o país com maior população negra do mundo fora do continente africano, nos consistórios mencionados não criou nenhum cardeal afrodescendente⁴⁵.

Mesmo com esse cenário institucional, nos últimos tempos é possível entrever no Papa Francisco a retomada com certa frequência no destaque ao preconceito racial no dia mundial da paz. Em 2017, relatou que a discriminação racial contra Mahatma Gandhi, Khan Abdul Ghaffar Khan e Martin Luther King Jr nunca serão esquecidas⁴⁶. E que o medo sugerido contra migrantes é provindo de interesses políticos semeados pela violência e pela discriminação racial⁴⁷, com a

⁴³ Cf. MENDONÇA FILHO, João da Silva. Padre aponta as grandes ausências sentidas na síntese brasileira ao sínodo 2023: “meio ambiente, crianças, negros, indígenas e presos”. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 22 ago. 2022. [n.p.]. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/621444-padre-aponta-as-grandes-ausencias-sentidas-na-sintese-brasileira-ao-sinodo-2023-meio-ambiente-criancas-negros-indigenas-e-presos>. Acesso em: 09 abr. 2023.

⁴⁴ (2014) D. Leopoldo José Brenes Solórzano, Arcebispo de Manágua (Nicarágua); D. Jean-Pierre Kutwa, Arcebispo de Abidjan (Costa do Marfim); D. Philippe Nakellentuba Ouédraogo, Arcebispo de Ouagadougou (Burkina Faso); D. Chibly Langlois, Bispo de Les Cayes (Haiti); D. Kelvin Edward Felix, Arcebispo Emérito de Castries, nas Antilhas. (2015) D. Berhaneyesus Demerew Souraphiel, C.M., Arcebispo de Adis Abeba (Etiópia); D. Arlindo Gomes Furtado, Bispo de Santiago de Cabo Verde (Arquipélago de Cabo Verde); D. Soane Patita Paini Mafi, Bispo de Tonga (Ilhas Tonga); D. Júlio Duarte Langa, Bispo Emérito de Xai-Xai. (2016) D. Dieudonné Nzapalainga, C.S.Sp., Arcebispo de Bangui (República Centro-africana); D. John Ribat, M.S.C., Arcebispo de Port Moresby (Papua-Nova Guiné); D. Anthony Soter Fernandez, Arcebispo Emérito de Kuala Lumpur (Malásia). (2017) SE Monsenhor Jean Zerbo, Arcebispo de Bamako, Malí. (2018) S.E. Mons. Désiré Tsarahazana – Arcivescovo di Toamasina. (2019) Dom Fridolin Ambongo Besungu, Arcebispo de Kinshasa; (2020) S.E. Mons. Antoine Kambanda – Arcivescovo di Kigali (Ruanda); S.E. Mons. Wilton D. Gregory – Arcivescovo di Washington; (2022) D. Peter Ebere Okpaleke – Bispo de Ekwulobia (Nigéria); D. Richard Kuuia Baawobr M. Afr. – Bispo de Wa (Gana).

⁴⁵ (2014) D. Orani João Tempesta, O.Cist., Arcebispo do Rio de Janeiro (Brasil). (2016) D. Sérgio da Rocha, Arcebispo de Brasília (Brasil). (2022) D. Leonardo Ulrich Steiner, O.F.M. – Arcebispo Metropolitano de Manaus (Brasil); D. Paulo Cezar Costa – Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Brasília (Brasil).

⁴⁶ FRANCISCO. **Mensagem para a celebração do 50º Dia Mundial da Paz**. A não-violência: estilo de uma política para a paz. Vaticano, 01 jan. 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20161208_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html. Acesso em: 10 abr. 2023.

⁴⁷ Cf.: FRANCISCO. **Mensagem para a celebração do 51º Dia Mundial da Paz**. Migrantes e refugiados: homens e mulheres em busca de paz. Vaticano: 01 jan. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20171113_messaggio-51giornatamondiale-pace2018.html. Acesso em: 10 abr. 2023.



tendência de perpetuação do racismo⁴⁸. Sendo que, a cultura da paz e do cuidado muitas vezes não prevalece pelos novos impulsos e formas de racismo⁴⁹. E, em 2021, por ocasião do Dia Internacional para a eliminação da discriminação racial, Papa Francisco tuitou em seu perfil, referindo ao racismo como vírus que transforma facilmente, mas que não desaparece. Somente se esconde, mas está sempre à espreita⁵⁰.

Diante do exposto, nota-se que há o tensionamento entre conformidade ao aceno histórico que caracteriza as atitudes conservadoras e a reformulação exigida pelo progresso humano nos últimos tempos. Na figura do Papa Francisco é possível notar com clareza esse embate, pois, seu ministério reluz esperança em vista de mudanças consistentes; porém, ao mesmo tempo, frustra pela continuidade de discursos oficiais mais moderados. Talvez, seja plausível vislumbrar nesse período não mudanças substanciais, mas inquietude revisionista das normas e estruturas.

AVANÇOS E LIMITES A SEREM DESDOBRADOS NO PONTIFICADO DE FRANCISCO

No atual pontificado de Francisco luzes de esperança e sombras convivem conjuntamente no complexo mecanismo de tensões entre os vários entes eclesiais que portam suas indagações e dúvidas. É verdade que obstáculos vão aparecendo à medida que Francisco – referência eclesial de unidade – faz opções à luz do Evangelho, em detrimento de um certo peso histórico de tradições que foram se ajustando culturalmente no tecido eclesial.

Avanços e limites são inerentes aos processos históricos, realidade em permanente mutação. A história avança sem retornos e sem fixações definitivas; não pára no presente e não volta ao passado, como algumas consciências temerosas e conservadoras acreditam ser possível. Duas projeções costumam se apresentar como verdadeiras e viáveis: a fixação em modelos permanentes, geralmente retirados de algum lugar do passado, ou a fixação em escatologias religiosas ou secularizadas que prometem a solução das contingências históricas⁵¹.

⁴⁸ FRANCISCO. **Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz.** A boa política está ao serviço da paz. Vaticano, 01 jan. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20181208_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html. Acesso em: 10 abr. 2023.

⁴⁹ FRANCISCO. **Mensagem para a celebração do 54º Dia Mundial da Paz.** A cultura do cuidado como percurso de paz. Vaticano, 01 jan. 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html. Acesso em: 10 abr. 2023.

⁵⁰ LOMONACO, Amadeo. Francisco: o racismo é um vírus que ao invés de desaparecer, se esconde. **Vatican News**, Vaticano, 21 mar. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-03/francisco-o-racismo-um-virus-dia-internacional.html>. Acesso em: 10 abr. 2023.

⁵¹ PASSOS, João Décio. **Obstáculos à sinodalidade.** Entre a preservação e a renovação. São Paulo: Paulinas, 2023. p. 19.



No que tange às contribuições de Francisco ao pensamento teológico, seus gestos e ousadias proféticas e à moral, em particular, convém ressaltar que ele compreende, de forma um pouco diferente dos seus predecessores, que nem sempre é possível conciliar sem tensões a relação entre rigor doutrinal e benignidade pastoral. Francisco tem consciência de que optar por uma rigorosa doutrina moral (ortodoxia) ou por uma inconsistente aplicação pastoral (heterodoxia) não seria uma postura acertada para levar a sério o já mencionado desafio proposto pelo Concílio Vaticano II⁵².

É verdade que Francisco tem demonstrado uma maior simplicidade e praxidade em encaminhar situações delicadas para missa da Igreja no mundo pós-moderno ou contemporâneo⁵³. Várias aberturas no que se refere à moral social, à ecologia, às mulheres, os migrantes, as minorias, as vozes silenciadas, encontram eco no magistério de Francisco. Sobre a sinodalidade é perceptível a dinamicidade que seu empenho na escuta alargada se efetiva eclesialmente. Contudo, acerca do tema de gênero e do racismo há um desdobramento ainda a ser percorrido.

No que tange ao tema gênero, o mundo contemporâneo tem problematizado a hierarquia dual ou binária que tradicionalmente distinguiu a hierarquia da sexualidade. A questão da diferença dos sexos, suas várias abordagens e perspectivas específicas ganhou do conhecimento científico uma nova compreensão dentro de uma perspectiva plural da diferença entre os sexos. As diferentes abordagens teóricas e práticas do corpo como corpo sexuado desenvolvidas nos últimos trinta anos fazem pensar que as diferenças morfológicas e orgânicas não são nem insignificantes nem tão determinantes quanto elas foram na história mediante sua articulação dual em termos de poder. Se predominou uma metafísica dos sexos na história, esta visão começou a ser substituída por uma 'práxis dos sexos', práxis teóricas, política, lúdica, que desloca suas formas de exercício e suas representações, sem predeterminação, *a priori*, de uma forma 'boa' ou de sua essência⁵⁴.

Esta percepção contemporânea, não mais alinhada à uma tradição religiosa binária de sexualidade, conduziu a uma reação de insistentes apelos a uma concepção mais harmônica e menos conflitiva. No contexto já do Papa Francisco, não se pode deixar de salientar que a publicação do estudo sobre "o que é o homem?"⁵⁵ seja um reposicionamento alinhado a uma tradição binária que refuta toda expressão de vivência do gênero fora do padrão orientado pela

⁵² CARLOTTI, Paolo. **La morale di papa Francesco**. Bologna: EDB, 2017. p. 10 e 42.

⁵³ BLANCO, Pablo A. O projeto moral do Papa Francisco: sete lugares teológicos como desafios morais. *In*: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria I. de Castro. **A moral do Papa Francisco**. Um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Santuário, 2020. p. 19-54.

⁵⁴ COLLIN, Françoise. Diferença dos sexos. *In*: MARZANO, Michela (org.). **Dicionário do Corpo**. São Paulo: Loyola/São Camilo, 2012. p. 340-344. p. 344.

⁵⁵ PONTIFICIA COMMISSIONE BIBLICA. **Che cosa è l'uomo?** Un itinerario di antropologia biblica. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019.



Sagrada Escritura. Pode-se dizer que esta visão de afirmação de uma única expressão sexual lícita e moralmente aceita é ainda uma questão a ser discutida diante das novas mudanças no contexto do cenário cultural atual, onde predomina a pluralidade e diversidade das novas subjetividades.

Esta constatação de um cenário de mudança neste tema é acompanhada por uma importância cada vez mais considerável no que toca à afetividade humana. É impossível o amadurecimento da personalidade quando a dimensão afetiva – fundamental no ser humano – é descuidada⁵⁶. Para a psicanálise, as perturbações na esfera da afetividade fizeram buscar um maior esclarecimento das neuroses⁵⁷. Se a sexualidade humana – complexa em sua estrutura e desdobramento – caracteriza-se por uma dimensão de expansão e dinamicidade, não se pode considerá-la em um contexto de exclusiva expressão dentro de apenas um gênero binário. Psicologicamente, não se pode deixar de considerar que o avanço das ciências contribuiu largamente para uma visão mais humanista e personalista da sexualidade e de sua condição real. Neste ponto, Francisco considera a possibilidade de acompanhamento das pessoas em sua condição real⁵⁸, embora ainda não haja uma mudança de paradigma ou de reconhecimento desta possibilidade constitutiva dos novos sujeitos.

A não aceitação da condição sexual e afetiva real das pessoas não deve conduzir a uma dissociação entre o que se é e do que se é exigido viver. Ao contrário: aceitar a condição sexual implica a aceitação da própria autoimagem corporal, dos sentimentos sobre essa imagem, a percepção da própria identidade de gênero, a capacidade de expressá-lo livremente, a possibilidade de estabelecer relações afetivas, a experiência de amar e ser amado⁵⁹. Como esta dimensão da constituição humana exige grande capacidade de acolhida, integração e aceitação de si, ainda não há uma certa cultura eclesial que confronte estas realidades sem cair em falsos moralismos com suas consequências nefastas.

No que tange ao tema do racismo, situação alarmante do mundo contemporâneo, considera-se que o Papa Francisco tem se tornado um protagonista mundial em torno da busca pela paz e pela integração dos “descartáveis”, numa cultura da exclusão e da opressão. Subjacente ao racismo há uma cultura da violência que é uma realidade plural e complexa, que

⁵⁶ ALMEIDA, André L. Boccato de. Da ferida incurável à cicatrização dolorosa: uma reflexão propositiva diante dos desafios formativos na Igreja. In: VEIGA, Alfredo César da; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Igreja e escândalos sexuais**. Por uma nova cultura formativa. São Paulo: Paulus, 2019. p. 113-134. p. 116.

⁵⁷ LAPLANCHE, J.; PONTAIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p. 297.

⁵⁸ Para isso, basta considerar a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* no capítulo oitavo e a insistência para um acompanhamento, discernimento e integração. (FRANCISCO, 2016.).

⁵⁹ CANOSA, Ana Cristina. Realização sexual. Para além da perversão e da tolice. In: TRASFERETTI, José Antonio; MILLEN, Maria I. de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Formação**. Desafios Morais 2. São Paulo: Paulus, 2020. p. 301-315. p. 302.



não se deixa reduzir a nenhuma de suas formas/expressões, por mais cruel, massiva e determinante que seja⁶⁰.

É tocante recordar a ida do Papa Francisco à ilha de Lampedusa para reivindicar o respeito à dignidade humana, principalmente dos migrantes africanos que buscavam uma acolhida no continente europeu, fugindo de guerras e de situações de subsistência sub-humanas. São sugestivas e proféticas suas palavras sobre o flagelo que se sobrepõem às pessoas excluídas; diz ele,

O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do 'descartável', que, aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são 'explorados', mas resíduos, 'sobras'⁶¹.

De todo modo, em Francisco há uma taxativa e forte crítica a todo tipo de exclusão e de depreciação à dignidade da pessoa. Em linhas gerais, Francisco capta que o essencial da mensagem cristã é a misericórdia. Ele deseja com toda força que este princípio caro aos cristãos e à tradição seja enraizado e ativado nas estruturas de poder atual. O cenário de miséria e descaso social é um típico exemplo de falta de compaixão e empatia para com o ser humano. No que tange ao tema da sexualidade, do racismo e da exclusão social, Francisco esforça-se para trazer à tona estes temas, embora saiba que não conseguirá que sejam em todos os aspectos implementados. Assim, compreende-se que há um esforço em fazer com que o tema da misericórdia seja o critério de revisão destas questões de delicada aceitação pela comunidade de fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reforma eclesial proposta a partir da atuação e dos gestos do pontificado de Francisco é muito desafiadora, uma vez que impõe enfrentar questões que encontram obstáculos num tradicionalismo dissociado da condição ontológica das pessoas e das suas realidades. Embora não se possa olvidar que Francisco ainda não cunhou efetivamente um trajeto para mudança de posicionamento da Instituição, também não se pode esquecer que sua atuação já nos trouxe grandes avanços e esperanças. Contudo, é importante sinalizar que a sua figura manifesta e

⁶⁰ AQUINO JÚNIOR, Francisco de. A violência contra os pobres. Um pecado contra o próprio Deus. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria I. de Castro. **A moral do Papa Francisco**. Um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Santuário, 2020. p. 113-147. p. 118.

⁶¹ FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. n. 53. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.



confirma, por vezes, o poder da doutrina sobre os sinais dos tempos e conserva costumes quando sua palavra e ações ministeriais contribuem para a continuidade de uma comunidade e hierarquia não diversa.

Quando essas questões estão relacionadas a gênero e racismo, o desafio parece ser bem maior, uma vez que nos impele a revisar os erros hermenêuticos e conceituais do passado e adotar uma visão mais adequada à contemporaneidade. Somente por meio de um aprofundamento honesto nesses temas que dizem respeito a pessoa humana – complexa e dinâmica – será possível se assegurar sua dignidade. Francisco, partindo desses contextos e afirmando a inclusividade como ética, repercute mais positivamente nas consciências não associadas à instituição, onde – algumas alas – recomendam preconceitos e discursos de ódio, velados como zelo doutrinal. Logo, o efeito desse pontificado confirma a renovação aguardada, enquanto incomoda aos que têm medo da descentralização e questionamento do poder e recoloca a instituição sob os critérios do Evangelho.

Assim, o que se infere de Francisco até o momento é a necessidade de se reconhecer a imperiosa dignidade da pessoa humana. E, que a esta cabe por parte da Instituição Católica o acolhimento, a quebra de paradigmas e preconceitos, agindo com compaixão e misericórdia, se aproximando do outro e buscando erradicar a violência, a opressão e a desigualdade. Portanto, destituir da religião o direito de se outorgar a interpretação sobre questões de gênero, elucidar o seu compromisso com a reparação histórica diante da aliança com a colonização e a perpetuação do racismo, e, inserir concretamente a mulher nos campos de pensar a teologia e de governo institucional, fomentam para uma renovação eclesial que seja, de fato, efetiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, André L. Boccato de. Da ferida incurável à cicatrização dolorosa: uma reflexão propositiva diante dos desafios formativos na Igreja. *In*: VEIGA, Alfredo César da; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Igreja e escândalos sexuais**. Por uma nova cultura formativa. São Paulo: Paulus, 2019. p. 113-134.

ALMEIDA, André L. Boccato de; DE PAULA, Patricia C. A dignidade da mulher em questão: uma análise ético-interpretativa da violência de gênero a partir de Juízes 19. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 79-102, jan./abr. 2020.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. A violência contra os pobres. Um pecado contra o próprio Deus. *In*: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria I. de Castro. **A moral do Papa Francisco**. Um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Santuário, 2020. p. 113-147.

ARCHILA, Francisco Reyes; RAJO, Larry J. Madrigal. Introdução – Re-imaginando a masculinidade: caminhos diversos para a reflexão sobre a relação entre Bíblia, gênero e masculinidade. **RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica latino-Americana**, Petrópolis, v. 56, n. 1, p. 16-17, 2007.



BALSAN, Luiz. **Teologias contemporâneas**. Curitiba: Intersaberes, 2020. Disponível em: <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/5079439/>. Acesso em: 07 mar. 2023.

BIDEGÁIN, Ana María. **História dos cristãos na América Latina**. Tomo I. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

BLANCO, Pablo A. O projeto moral do Papa Francisco: sete lugares teológicos como desafios morais. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria I. de Castro. **A moral do Papa Francisco**. Um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Santuário, 2020. p. 19-54.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Tradução: Roberta Fabri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, Judith. Ideologia anti-gênero e a crítica da era secular de saba mahmood. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 2, n. 36, p. 219-235, 2019. DOI: 10.22456/1982-8136.99586.

CALDEIRA, Cleusa. Hermenêutica Negra Feminista: um ensaio de interpretação de Cântico dos Cânticos 1.5-6. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 1189-1210, 2013.

CANOSA, Ana Cristina. Realização sexual. Para além da perversão e da tolice. In: TRASFERETTI, José Antonio; MILLEN, Maria I. de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Formação**. Desafios Morais 2. São Paulo: Paulus, 2020. p. 301-315.

CARLOTTI, Paolo. **La morale di papa Francesco**. Bologna: EDB, 2017.

CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. n. 532. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas e Paulus, 2008.

COLLIN, Françoise. Diferença dos sexos. In: MARZANO, Michela (org.). **Dicionário do Corpo**. São Paulo: Loyola/São Camilo, 2012. p. 340-344.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Texto Base**: Campanha da Fraternidade 1988: Ouvi o clamor deste povo. Brasília: CNBB, 1988.

EMILIANO, Alexandre Ribeiro; NOVAIS, Juliana Oliveira de S.; SOUTO MAIOR, Rita de C. Discursos envolventes nas declarações do Papa Francisco acerca da homossexualidade: Construindo identidades na interface Estado e Igreja. **Polifonia**, Cuiabá, v. 29, n. 54, p. 83-109, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/15012>. Acesso em: 08 abr. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Discipulado de iguais**: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Tradução: Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. n. 53. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia**. São Paulo: Paulus, 2016.



FRANCISCO. **Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz.** A boa política está ao serviço da paz. Vaticano, 01 jan. 2019. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20181208_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html. Acesso em: 10 abr. 2023.

FRANCISCO. **Mensagem para a celebração do 50º Dia Mundial da Paz.** A não-violência: estilo de uma política para a paz. Vaticano, 01 jan. 2017. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20161208_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html. Acesso em: 10 abr. 2023.

FRANCISCO. **Mensagem para a celebração do 51º Dia Mundial da Paz.** Migrantes e refugiados: homens e mulheres em busca de paz. Vaticano: 01 jan. 2018. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20171113_messaggio-51giornatamondiale-pace2018.html. Acesso em: 10 abr. 2023.

FRANCISCO. **Mensagem para a celebração do 54º Dia Mundial da Paz.** A cultura do cuidado como percurso de paz. Vaticano, 01 jan. 2021. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html. Acesso em: 10 abr. 2023.

GALINDO, Jutta Battenberg. Violência de gênero e pornografia virtual: abordagem pastoral. In: TRASFERETTI, José A.; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Sexualidade e Pastoral: aos párocos e agentes de pastoral.** São Paulo: Paulus, 2022. p. 317-318.

GESCHLECHTERGERECHTIGKEIT und weltkirchliches Handeln. **Ein Impulspapier der Deutschen Kommission Justitia et Pax (Justiça de gênero e ação da igreja mundial. Um papel de impulso).** 2004. Disponível em: https://www.justitia-et-pax.de/jp/publikationen/gerechtigkeit_und_frieden/guf_104.php. Acesso em: 07 abr. 2023.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil.** Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021. 2 v.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares.** Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. 1 v.

LAPLANCHE, J.; PONTAIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise.** 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LIMA, Luís Corrêa. Família, Gênero e Orientação Sexual: questões enfrentadas pelo Papa Francisco. **Creatividade – Revista da Cultura Religiosa**, Rio de Janeiro, p. 34-44, abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.CRE.33613>.

LOMONACO, Amadeo. Francisco: o racismo é um vírus que ao invés de desaparecer, se esconde. **Vatican News**, Vaticano, 21 mar. 2021. Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-03/francisco-o-racismo-um-virus-dia-internacional.html>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** São Paulo: n-1 edições, 2018.



MENA-LÓPEZ, Maricel. Bíblia e descolonização: apontes desde uma Hermenêutica bíblica negra e feminista de libertação. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, v. 24, n. 2, p. 115-144, 2018.

MENDONÇA FILHO, João da Silva. Padre aponta as grandes ausências sentidas na síntese brasileira ao sínodo 2023: “meio ambiente, crianças, negros, indígenas e presos”. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 22 ago. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/621444-padre-aponta-as-grandes-ausencias-sentidas-na-sintese-brasileira-ao-sinodo-2023-meio-ambiente-criancas-negros-indigenas-e-presos>. Acesso em: 09 abr. 2023.

MIRA, João Manoel. Reflexão sobre a evangelização do negro no Brasil. *In*: SILVA, Antônio Aparecido da. **América Latina: 500 anos de evangelização: reflexões teológico-pastorais**. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 99-113.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

ORÍGENES. **Contra Celso**. São Paulo: Paulus, 2004.

PASSOS, João Décio. **Obstáculos à sinodalidade**. Entre a preservação e a renovação. São Paulo: Paulinas, 2023.

PIRES, D. José Maria. Teologia Afro. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 34, n. 92, p. 89-104, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/644>. Acesso em: 09 abr. 2023.

PONTIFICIA COMMISSIONE BIBLICA. **Che cosa è l'uomo?** Un itinerario di antropologia biblica. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019.

SANTOS, Faustino. Formação e negritude: a urgência de superar o embranquecimento na formação. *In*: TRASFERETTI, José A; MILLEN, Maria I. de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Formação: desafios morais 2**. São Paulo: Paulus, 2020. p. 335-354.

WILLIAMS, Matthew. **A ciência do ódio: a jornada de um cientista para compreender a origem dos preconceitos e da violência que ameaçam a sociedade humana**. Tradução: Marcelo Bardão. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

Recebido em: 29 maio 2023.

Aceito em: 29 jun. 2023.